

REFLEXÕES FILOSÓFICAS E TEOLÓGICAS SOBRE A ARTE

Maria Maura de Morais^()
Sandra Olades Martins Venturelli^(**)*

Resumo

Este artigo discorre sobre alguns dos fundamentos filosóficos da obra de arte concernentes às propriedades comuns a todas as obras de arte com o intuito de promover uma interação entre o artístico e o teológico. Arte é um dos modos de revelação do Criador e das criaturas. A experiência artística expressa a percepção interna de algo não pensado, apenas vivido como experiência divina, difícil de ser externalizada. Uma obra tem valor quando exprime os sentimentos do seu artista, provoca naqueles que entram em contato com ela determinadas emoções ou sentimentos.

Palavras-chave: Arte. Fundamentos Filosóficos e Teológicos. Experiência. Revelação.

Abstract

This article discusses some of the philosophical foundations of the work of art concerning the properties common to all works of art in order to promote interaction between the artistic and the theological. Art is one of the modes of revelation of the Creator and of the creatures. The artistic experience expresses the internal perception of something not thought of, just lived as divine experience, difficult to be outsourced. A work has value when it expresses the feelings of your artist, causes those who come into contact with certain emotions or feelings.

Keywords: Art. Philosophical and Theological Grounds. Experience. Revelation.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Da reflexão sobre o ser humano se conclui que ele se destaca entre as criaturas por ser imagem de Deus e possuidor de capacidades singulares. Toda criatura humana é ontologicamente boa e do bem, mas também possui muitas limitações. Uma delas é aquela em que os humanos não sabem dizer tudo do seu Criador nem de si próprios. Outro exemplo é que todo homem é livre, mas nem sempre dispõe de sua liberdade. Daí é que a experiência humana é de culpa, fracasso, morte, mas também de amor, alegria, felicidade e realizações, dentre elas, a realização ou criação artística.

Uma reflexão filosófica e teológica indica que há uma lógica interna da obra de arte, uma lógica que faz emergir outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições dominantes. De tal sorte que a condição humana permite vivências que não são apenas corpóreas, permitindo assim o acesso ao transcendente. Os sentimentos e significados, geralmente, são expressos pela obra de arte. A experiência artística

^(*)Professora Doutora Docente na Faculdade Católica de Uberlândia/SMC. E-mail: mmdemoraisajd@gmail.com.

^(**)Professora Mestre Docente na Faculdade Católica de Uberlândia/SMC. Email: sandraolades@hotmail.com.

expressa a percepção interna de algo não pensado, apenas vivido como uma experiência divina, difícil de ser externalizada.

As emoções são importantes para os artistas criarem as obras de arte; mas na verdade, a arte também provoca naqueles que entram em contato com ela determinadas emoções ou sentimentos. Neste sentido, o valor de uma obra é maior quando exprime melhor os sentimentos do artista que a criou.

O artífice da criação é o Deus Amor. A arte nasce da liberdade do espírito e pode ser considerada em um dos serviços de revelação da Verdade sobre o Criador e a criatura.

1 O ARTÍSTICO E O TEOLÓGICO

A nossa condição humana nos permite vivências que vão além do corpóreo. Ocorre em nós uma relação dialética entre os sentimentos e os símbolos, de modo que podemos raciocinar e criar símbolos, e também dar sentido às nossas sensações e sentimentos. Esta articulação entre pensamento (símbolos) e sentimento (sensações vividas) é que nos possibilita compreender, ou pelo menos, aproximar-nos daquilo que entendemos como criação artística.

A obra de arte procura, geralmente, significar e expressar os sentimentos. Entretanto, a experiência artística torna-se um pouco mais complexa quando se trata de expressar a percepção interna de algo não pensado, mas apenas vivido, algo inefável, como uma experiência divina, difícil de ser externalizada.

Desta forma, a arte é individuadora, o que leva algumas teorias da arte a sustentar a existência de conteúdo aparentemente intuitivo, isto é, admitem a adesão espontânea de grande parte das pessoas que se defrontam pela primeira vez de forma direta com a questão da arte.

Nesta condição de um acesso direto, intuitivo ao artístico, discute-se também a perspectiva moral da arte. Para o filósofo grego Platão, a exposição oral revela em sua narrativa o caráter moral do artista: “há uma maneira de falar narrar pela qual se exprime o verdadeiro homem de bem” (República, 396c). Nas palavras de Sócrates “o orador que não for dessa espécie (um homem de bem), quanto maior for a sua mediocridade, mais imitará tudo e não considerará coisa alguma indigna de si, a ponto de tentar imitar tudo com grande aplicação [...]” (República, 397a).

O bom, o belo e o justo estão diretamente ligados entre si. Na mesma obra (Livro II),

Sócrates apresenta os “moldes respeitantes à teologia” (typoi perì theología), seja pelo *mýthos* seja pelo discurso poético sobre Deus, para que ambos sejam fundados na noção de Bem que é a base da noção de Ideia e de Deus. Esta discussão parte para uma ontologia da noção de Deus: “Tal como Deus é realmente, assim é que se deve sem dúvida representar [...]” (379a).

Os três atributos básicos a serem desenvolvidos até o final do livro II são: 1º) Deus é bom (théos agathós): “Ora, Deus não é essencialmente bom, e não é assim que se deve falar dele?” (379b); 2º) Deus é simples: “[...] é um Ser simples e o menos capaz de todos de sair da sua forma” (380d); e 3º) Deus é verdadeiro: “Por conseguinte, Deus é absolutamente simples e verdadeiro em palavras e atos ” (382e)

O filósofo Aristóteles também alude ao caráter moral de alguns poetas e de suas obras:

O gênero poético se dividiu em diferentes espécies, consoante o caráter moral de cada sujeito imitador. Os espíritos mais propensos à gravidade reproduziram as belas ações e seus realizadores; os espíritos de menor valor voltaram-se para as pessoas ordinárias a fim de as censurar, do mesmo modo que os primeiros compunham hinos de elogio em louvor de seus heróis. (ARISTÓTELES. Arte Poética, p. 05).

Diante disto, percebe-se uma possível inter-relação entre o artístico, o teológico e a moralidade. Provavelmente, alguns artistas não estão visando o lado moral, mas outros apresentam obras que tem claramente um objetivo moralizante.

2 ANÁLISES FILOSÓFICAS SOBRE A ARTE

A filosofia da arte é um termo utilizado por alguns pensadores para designar a relação do pensamento filosófico com a criação artística, comumente a filosofia da arte também é entendida como estética. Desde a antiguidade os filósofos já se preocupavam com a criação artística, como Platão e Aristóteles, entretanto, o termo "estética" foi criado por Alexander Baumgarten (1714-1762) apenas no século XVII, com a pretensão de compreender a experiência provocada pela obra de arte e pela criação artística através das sensações. É pela estética que se explica a experiência sensível diante da obra de arte: música/ouvido, pintura/visão, escultura/tato ou visão, e etc.

A filosofia da arte surge enquanto movimento filosófico, mais precisamente com o idealismo alemão, no fim do século XVIII e início do século XIX, através de grandes pensadores como, J. Gottlieb Fichte (1762- 1814), Friedrich Schiller (1759- 1805), Friedrich W. J. Schelling (1775-1854), Friedrich Hölderlin (1770-1843) e G.W. Friedrich Hegel (1770-1831).

Um dos problemas enfrentados pela teoria da arte refere-se à difícil definição de "arte" ou de "obra de arte", pois nenhuma definição de arte disponível é suficientemente completa para classificar todas as nossas intuições sobre certas obras que podem ser arte. Diante disto, busca-se um conceito ou um argumento forte a fim de que se possa definir explicitamente a arte, seja esta a poesia, a música, a pintura, a escultura, etc. Considerando que para muitos filósofos, sobretudo os idealistas alemães, a obra poética é a que mais se aproxima da reflexão filosófica, e estes tendem a elevar mais a poesia em detrimento das outras formas de arte, como as artes plásticas. Ainda que Platão tenha declarado, no Livro III da República que os poetas não atingem a verdade, e proponha a expulsão destes.

Se chegasse à nossa cidade um homem aparentemente capaz, devido à sua arte, de tomar todas as formas e imitar todas as coisas, ansioso por se exhibir juntamente com os seus poemas, prosternávamo-nos diante dele, como de um ser sagrado, maravilhoso, encantador, mas dir-lhe-íamos que na nossa cidade não há homens dessa espécie, nem sequer é lícito que existam, e mandá-lo-íamos embora para outra cidade, depois de lhe termos derramado mirra sobre a cabeça e de o termos coroado de grinaldas. (PLATÃO. *A República*, 397e-398a).

Apesar das divergências apresentadas, existem teorias da arte que procuram identificar as propriedades comuns destas. A teoria essencialista da arte defende as propriedades essenciais, que são também individuadoras da arte, por isto, muitos dos defensores das teorias essencialistas acreditam que não estamos em condições de utilizar adequadamente um conceito se não formos capazes de o definir de forma explícita.

As teorias essencialistas defendem que existem propriedades essenciais comuns a todas as obras de arte e que só nas obras de arte se encontram. Ora as propriedades essenciais são diferentes das propriedades acidentais. Uma propriedade é essencial se os objectos que a exemplificam não podem deixar de a exemplificar sem que deixem de ser o que eram. Uma propriedade é acidental se, apesar de ser realmente exemplificada pelos objectos, tais objectos poderiam não a exemplificar. Isso significa que as propriedades essenciais da arte são exemplificadas por todas as obras de arte, reais ou meramente possíveis. (ALMEIDA, 2015).

É imprescindível identificar as condições necessárias e suficientes da arte, de modo que as propriedades também sirvam para distinguir a arte de outras coisas que não sejam arte, considerando que não há apenas uma forma de definir conceitos. Para as teorias essencialistas existem três vertentes: a "teoria da imitação", a "teoria da expressão" e a "teoria formalista".

Sabemos utilizar perfeitamente o conceito «azul» sem que, no entanto, o possamos definir dessa

maneira. Não o saber definir dessa maneira não é o mesmo que o não poder definir. É preciso distinguir as definições explícitas (as que apresentam as condições necessárias e suficientes do conceito a definir) das definições implícitas (as que recorrem à noção de exemplificação). (ALMEIDA, 2015).

Toda arte contém como propriedade essencial, por exemplo, um autor e um critério de valoração (boa ou ruim). Se estiver dentro da teoria da imitação, será considerada boa quanto mais conseguir se aproximar do objeto imitado.

O critério valorativo, no entanto, é complexo, pois muitas obras de arte não poderiam ser consideradas boas nem más, já que não imitam nada. Ex. O Nascimento de Vénus, de Botticelli. Ou as obras impressionistas, que são inicialmente difíceis de serem valoradas.

O problema maior, enfrentado pela arte, ocorre quando a valoração se submete às regras do mercado, visando o lucro, a utilidade e, até mesmo, a disputa com as ciências. Schiller, conhecido por sua produção filosófica, mas que também possui sua obra poética descreve os obstáculos da arte:

A arte é filha da liberdade e quer ser legislada pela liberdade do espírito, não pela privação da matéria. Hoje, porém, a privação impera e curva, em seu jugo titânico, a humanidade decaída. A utilidade é o grande ídolo do tempo; quer ser servida por todas as forças e cultuada por todos os talentos. Nessa balança grosseira, o mérito espiritual da arte nada pesa, e ela, roubada de todo estímulo, desaparece do ruidoso mercado do século. Até o espírito de investigação filosófica arranca, uma a uma, as províncias da imaginação, e as fronteiras da arte vão-se estreitando à medida que a ciência amplia a sua. (SCHILLER, 1995, p. 25-26).

A arte é essencialmente livre, devendo ser criada pelo espírito livre e não ser dominada pelos interesses do mercado. O teólogo Vincent Miller em *Consuming Religion* analisa como a cultura do consumo dominou nossa sociedade sem que as insistentes críticas que lhe são dirigidas pelas instâncias religiosas, filosóficas e espirituais produzam fruto. Segundo o teólogo, as críticas não produzem efeito porque a cultura de consumo não é antes de tudo fruto de uma adesão intelectual ou moral aos princípios da sociedade de consumo, mas ela é produzida por práticas materiais e sociais nas quais os sujeitos aderem por serem moldados como consumidores, por processos sociais e econômicos, e revela: “é raro o praticante religioso que repete uma oração ou mantra tantas vezes em um dia como uma pessoa comum engaja um anúncio” (MILLER, 2005, p. 125).

Em Marcuse a arte deve ir além dos determinismos sociais:

Essa experiência culmina em situações extremas (do amor e da morte, da culpa e do fracasso, mas também da alegria, da felicidade e da realização) que explodem na realidade existente em nome de uma verdade normalmente negada ou mesmo ignorada. A lógica interna da obra de arte termina na emergência de outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a racionalidade e a sensibilidade incorporadas nas instituições dominantes. (MARCUSE, 1986, p. 19-20).

Na inter-relação entre o artístico e o teológico, a arte revela uma sensibilidade que não se consegue explicar ou atingir pela razão. “Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar” (Agostinho, Livro XI, 4, p. 296). O Criador é o artífice da criatura humana dotada duma unidade corpo – alma, de modo que a alma impera o corpo. Todas as coisas foram criadas por Deus, como criaturas possuem alguma semelhança com o Criador. Em toda criatura há algum vestígio de Deus. A criatura humana é apresentada na Sagrada Escritura como imagem e semelhança de Deus. De acordo com Agostinho só o homem é imagem de Deus. (Cf. Livro XI, 5, 8, pags. 296-297; 299).

Deus é mistério de amor. Deus conhece de modo diferente das criaturas. Ele é um espírito extraordinariamente maravilhoso, estupendo, conhece tudo, o passado e o futuro. Enquanto o homem carece de sinais sensíveis que revelem o Deus invisível. A arte nos revela a Verdade sobre o Criador e sobre a criatura. Nesse caso, a razão é insuficiente, enquanto que a arte é livre e mais útil para a revelação tanto das criaturas como do Criador. (Cf. Livro XI, 31, pag. 321). Através da arte participamos da plenitude de Deus. Assim, o homem acessa a verdade e a felicidade quando produz arte imitando o Artista divino.

3 A ARTE COMO IMITAÇÃO

A teoria da arte como imitação (ou representação) refere-se à arte enquanto aquela que imita algo. Platão, no livro X da "República", desprezava as obras de arte por considerá-las imitações dos objetos naturais, via essas obras como imagens imperfeitas dos seus originais. Uma vez que na teoria platônica, os próprios objetos naturais eram por sua vez cópias de outros seres mais perfeitos, teríamos assim uma cópia da cópia.

Da mesma forma, Aristóteles na "Arte poética", também considerava a ideia de arte como imitação, contudo, tinha uma opinião mais favorável à arte, uma vez que os objetos que a arte imita não são cópias de nada, referindo-se criticamente ao seu mestre Platão.

Os filósofos que analisaram a arte por meio da "teoria da imitação" defendem como

incontestável o fato de que muitas pinturas, esculturas, e outras obras de arte, como peças de teatro ou filmes, imitam algo da natureza: paisagens, pessoas, objetos, acontecimentos, etc. Aristóteles analisa a origem da imitação:

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer. (ARISTÓTELES, ARTE POÉTICA, p. 04).

O prazer e o conhecimento fazem parte da criação artística. Sendo o poeta um imitador, como o é o pintor ou qualquer outro criador de figuras, perante as coisas será induzido a assumir uma dessas três maneiras de as imitar: como elas eram ou são, como os outros dizem que são ou dizem que parecem ser, ou como deveriam ser. (Aristóteles, p. 42)

A arte como imitação está no âmbito do empírico, mas temos que considerar aquelas que não imitam nada, como as abstratas ou outras artes visuais não figurativas. Também não dependem de imitações algumas obras da literatura ou de grandes composições musicais.

Neste sentido, os defensores mais recentes da teoria da arte como imitação, preferiram substituir o conceito de imitação pelo conceito mais sofisticado de representação. Assim, pode-se dizer que as esculturas sagradas não imitam diretamente um santo, mas representam a santidade deste. O mesmo se passa com imagens figurativas de divindades, as quais não se possam dizer que tentam imitar, mas que buscam representar algo que transcende este mundo.

4 A ARTE COMO EXPRESSÃO

Imitar não é uma condição necessária para todas as obras de arte. Existem obras que não querem representar nada. Com isto, muitos filósofos e artistas românticos do século XIX propuseram uma definição de arte que procurava libertar-se das limitações da teoria anterior, ao mesmo tempo que deslocava para o artista, ou criador, a chave da compreensão da arte. Trata-se da teoria da arte como expressão. Teoria que, ainda hoje, uma enorme quantidade de pessoas aceita sem questionar. Segundo a teoria da expressão, uma obra é arte se exprime sentimentos e emoções do artista.

Se por um lado, muitos artistas reconhecem a importância de certas emoções sem as quais as suas obras não teriam certamente existido, por outro, a arte também provoca naqueles que

entram em contato com ela determinadas emoções ou sentimentos. Nesta perspectiva, o critério valorativo de uma obra é tanto maior quanto melhor conseguir exprimir os sentimentos do artista que a criou.

Evidentemente, temos que considerar que há obras que não exprimem qualquer emoção ou sentimento, pois são fruto de um trabalho paciente e minucioso do artista no sentido de serem aperfeiçoadas, conseguindo assim, eliminar os defeitos inerentes a qualquer produto emocional. Isto nos leva a outro elemento, ainda que uma obra de arte provoque certas emoções em nós, daí não se segue que essas emoções tenham existido no seu autor. Isto pode ser confirmado pelos estudiosos que se lançam na pesquisa biográfica do artista que a criou, com o objetivo de compreender os sentimentos que lhe deram origem.

Ressalta-se que algumas pessoas não sentem qualquer tipo de emoção perante certas obras de arte. O que não significa que essas obras não possam ser consideradas arte, ou ainda, não é correto afirmar que quem não sente emoções estéticas em relação a determinadas obras não seja uma pessoa sensível.

5 A TEORIA FORMALISTA DA ARTE

Na teoria formalista da arte, uma obra é arte somente se provoca emoções estéticas nas pessoas, se possui uma forma significativa. Esta teoria considera que não se deve começar por procurar aquilo que define uma obra de arte na própria obra, mas sim no sujeito que a aprecia.

Esta teoria é identificada por intermédio de um tipo de emoção peculiar, a emoção estética, que é provocada somente pelas obras de arte. De acordo com a teoria formalista, não se diz que as obras de arte exprimem emoções, mas que provocam emoções nas pessoas. Se a teoria da imitação estava centrada nos objectos representados e a teoria da expressão no artista criador, a teoria formalista parte do sujeito sensível que aprecia obras de arte.

Adotando o critério formalista da arte, a característica de provocar emoções estéticas constitui, simultaneamente, a condição necessária e suficiente para que um objecto seja uma obra de arte. Diante disto, temos a propriedade comum a todas as obras de arte, a tal forma significativa, responsável pelas emoções estéticas que experimentamos. Portanto, não são as linhas e contornos bem definidos, não é a harmonia de cores, o arranjo musical bem elaborado, os personagens bem construídos de um livro, mas sim o tipo peculiar de emoções provocadas pelas

diferentes propriedades de uma obra de arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias essencialistas não são capazes de proporcionar uma boa definição explícita de arte. Da mesma forma, as definições não-essencialistas da arte que apelam para aspectos extrínsecos à própria obra de arte, também não possuem a palavra final.

Em nossa análise, não pretendemos definir um conceito único ou encontrar a melhor definição para a arte, nossa preocupação é com a valorização do artístico. Defendemos a valorização da criatividade artística, e em alguns casos, até mesmo pelas autoridades eclesiásticas, as quais podem permitir expressões artísticas dos próprios membros das comunidades, por meio de encenações, composições musicais e poesias, ou seja, abrir espaço para uma evangelização que evidencie as experiências vividas. Na concepção de Libanio, este espaço de abertura aos membros da comunidade, "distingue o culto onde ele é cliente, e as expressões rituais do seu culto próprio, onde é autor" (LIBANIO, 1976, p. 303).

As condições materiais de existência em nossa sociedade inviabilizam, muitas vezes, o acesso à cultura, às artes e ao exercício concreto da liberdade. A maioria dos indivíduos está limitada a uma alimentação por dia, a leitura e escrita mínimas, e ao máximo de trabalho e obediência às autoridades tradicionais.

Na sociedade moderna não é raro valorizar mais a ciência que a arte, a moral e a ética. O homem está mais submetido às exigências externas a si que à liberdade. A experiência mais profunda na vida é esbarrar com o mistério de Deus que entra em nós e nos faz felizes por dentro! A teologia tem algo a dizer às obras artísticas e vice-versa. A arte faz a interioridade explodir e se manifestar como exteriorização do Mistério. As obras de arte propõem novos olhares, sugerem novas linguagens e representações que dizem o divino hoje em nossas sociedades plurais, necessitadas da Bondade radical em sua última significação.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, A. *Confissões*. 9. ed. Porto: Livraria apostolado da Imprensa, 1977.

ALMEIDA, Aires. *Teorias essencialistas da arte*. Disponível em: <<http://www.criticanarede.com/aalmeidateoriasessencialistasdaarte.html>>. Acesso em: 09 de jul. 2015.

ARISTÓTELES, *Arte poética*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>>. Acesso em 09 jul. 2015.

LIBANIO, J. B. *Uma comunidade que se redefine*. SEDOC, Petrópolis, 1976.

MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MILLER, V. J. *Consuming Religion*. Christian Faith and Practice in a Consumer Culture. New York/London: Continuum, 2005.

PLATÃO. *A República*. 8. ed. (Introd., tradução, e notas de M. H. R. Pereira) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

(Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015)